

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TALITHA CALVET FACUNDES

**PRÁTICAS PARENTAIS MATERNAS E O REPERTÓRIO DE HABILIDADES  
SOCIAIS DE ADOLESCENTES**

São Luís

2018

TALITHA CALVET FACUNDES

**PRÁTICAS PARENTAIS MATERNAS E O REPERTÓRIO DE HABILIDADES  
SOCIAIS DE ADOLESCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Psicólogo, pela  
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso  
de Sá

São Luís

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Facundes, Talitha Calvet.

PRÁTICAS PARENTAIS MATEERNAS E O REPERTÓRIO DE  
HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES / Talitha Calvet  
Facundes. - 2018.

53 p.

Orientador(a): Lucas Guimarães Cardoso de Sá.  
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Adolescência. 2. Apego. 3. Comportamento materno.  
4. Habilidades sociais. 5. Práticas parentais. I. Sá,  
Lucas Guimarães Cardoso de. II. Título.

TALITHA CALVET FACUNDES

**PRÁTICAS PARENTAIS MATEERNAS E O REPERTÓRIO DE HABILIDADES  
SOCIAIS DE ADOLESCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Psicólogo, pela  
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso  
de Sá

APROVADA EM:    /    /

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Orientador) – DEPSI/UFMA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Catarina Malcher Teixeira (1<sup>o</sup> MEMBRO) – DEPSI/UFMA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Me. Viviane Pereira dos Santos (2<sup>o</sup> MEMBRO) – DEPSI/UFMA**

---

**Neylla Cristhina Pereira Cordeiro (Suplência) – Mestrado/UFMA**

*À Sagrada Família de Nazaré,*

*Aos meus pais,*

*Aos meus filhos, que ainda não de nascer – afinal, nada me parece mais natural e óbvio que  
seja o próprio pesquisador o primeiro a pôr em prática sua própria teoria.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço as instituições e responsáveis, pela solicitude, interesse e cuidado para que as aplicações corresse da melhor forma possível e tivessem o máximo de aproveitamento para meu trabalho;

Aos participantes do estudo, bem como a seus pais, pela confiança e entusiasmo com o projeto;

Aos amigos que acreditaram em meu trabalho e me incentivaram a ir adiante;

A Ana Luísa e Leanne, que me ajudaram de diferentes formas ao longo do estudo, especialmente com a amizade, o apoio e com o importante papel de me acudirem sempre que era traída por meus lapsos de memória.

A Jéssica Delai, pelas dicas, orientações, por acreditar na relevância deste estudo e acima de tudo, pelas ricas e tão numerosas lições dadas a mim, que a faculdade jamais poderia conter.

A Antônio Fortes que, igualmente e apesar de possuir outra formação acadêmica, foi responsável por grandes avanços que obtive em relação a meu desenvolvimento profissional, com sugestões e pequenas aulas extra-acadêmicas.

Ao meu esposo, Paulo, pelo apoio e incentivo, e por desempenhar o relevante papel de *advocatus diaboli*, argumentando contra o ponto de vista do trabalho, testando as falhas e fraquezas de minhas hipóteses, e assegurando, deste modo, que nenhuma lacuna ou contra-argumentação careceria de respostas no estudo.

Aos meus irmãos, Renata e Kayron, pelo amor, companheirismo, cuidado e paciência. Por serem – não raras vezes – as colunas que me sustentaram ao longo de todo o itinerário acadêmico.

Aos meus pais, Eraldo e Regianny, por me ensinarem na prática, com seu próprio exemplo, a importância que um bom ambiente familiar desempenha na vida de uma pessoa nos mais diferentes aspectos. Minha gratidão por todos os sacrifícios, abnegações, pelos conselhos e pela exemplar formação moral e católica dada a mim.

Ao professor Lucas Sá, pelas excelentes aulas que tive como meu professor; pela paciência, dedicação e comprometimento ético, como meu orientador; e de modo geral, por ter sido ao longo de todo o curso, tão solícito, gentil e compreensivo para comigo.

À rosa desfolhada de Lisieux, Santa Teresinha, a quem tantas vezes dirijo meu pensamento e minhas orações.

Ao patrono dos meus estudos acadêmicos, São Tomás de Aquino, cujo patrimônio intelectual e nobreza de alma me inspiram profundamente.

A Santíssima Virgem e ao Glorioso São José, aos quais estão submetidos todos os meus bens temporais e espirituais e todos os meus méritos passados, presentes e futuros.

A Santíssima Trindade, princípio e fim de todas as coisas.

*Há certas coisas que saltam aos olhos; e tenho para mim que a maioria dos inquéritos e dos levantamentos estatísticos só serve para mostrar, com o adorno das cifras, o que todo o mundo está cansado de saber. Chego até a pensar que muitas dessas pesquisas sociológicas são movidas por um gosto semi-consciente de desvalorizar o bom-senso, ou de levar ao descrédito os mais elementares princípios. No caso vertente, e para descobrir que as famílias estão funcionando mal, eu não preciso andar de porta em porta com um impertinente questionário. Basta-me observar a rua, os bondes, os cafés, para poder concluir que as casas já não retêm as pessoas. A febre nas ruas prova a agonia das casas.*

*Gustavo Corção, "A Ordem", 1952*

## RESUMO

Define-se práticas parentais como aquelas usadas por pais/responsáveis com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos, podendo ser positivas ou negativas, a depender de suas implicações. Habilidades sociais por sua vez, são classes de comportamentos pertencentes ao repertório de um indivíduo que o auxiliam para um desempenho socialmente competente. A hipótese do estudo é de que há relação entre elas, por isso o objetivo do presente trabalho foi investigar práticas parentais maternas e o repertório de habilidades sociais em adolescentes, mensurando os índices de práticas parentais maternas, descrevendo a frequência dos tipos de práticas parentais maternas, caracterizando o repertório de habilidades sociais e correlacionando as práticas parentais maternas aos indicadores do repertório de habilidades sociais. Para isso, participaram 76 adolescentes com faixa etária entre 12 a 17 anos. Foram usados os Inventários de Estilos Parentais (IEP) e Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes em sua versão reduzida (IHSA – Reduzido), aplicados em duas escolas da cidade de São Luís, sendo uma privada e outra da rede pública de ensino. Foram realizadas análises descritivas e de correlação de frequências e médias, e análises inferenciais com base nos manuais dos instrumentos. Os resultados indicaram que os participantes do estudo estão em situação de risco na maior parte das práticas parentais, sendo “negligência” e “abuso físico” os fatores com maiores escores, 78,9% e 52,6%, respectivamente. Além disso, houve correlação positiva entre as práticas parentais maternas com o repertório de habilidade sociais, em especial nas subescalas de Empatia e Assertividade, e correlação negativa com a subescala Autocontrole. A conclusão do estudo é que práticas parentais maternas estão relacionadas ao repertório de habilidades sociais de adolescentes.

**Palavras-chave:** adolescência, apego, comportamento materno, práticas parentais, habilidades sociais.

## ABSTRACT

Parental practices are defined as those used by parents / guardians to educate, socialize, and control their children's behavior, whether positive or negative, depending on their implications. Social skills in turn are classes of behaviors belonging to an individual's repertoire that assist him in socially competent performance. The hypothesis of the study is that there is a relationship between them, so the objective of the present study was to investigate maternal parenting practices and the repertoire of social skills in adolescents, measuring the indexes of maternal parenting practices, describing the frequency of the types of maternal parental practices , characterizing the repertoire of social skills and correlating maternal parenting practices with the indicators of the social skills repertoire. For this, 76 adolescents with ages ranging from 12 to 17 years participated. The Inventário de Estilos Parentais (IEP) and the Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes in reduced version (IHSA - Reduced) were used in two schools in the city of São Luís, one private and one public school. Descriptive and correlation analysis of frequencies and averages, and inferential analyzes were performed based on the instrument manuals. The results indicated that study participants are at risk in most parenting practices, with "neglect" and "physical abuse" being the highest scores, 78.9% and 52.6%, respectively. In addition, there was a positive correlation between maternal parenting practices and the social skill repertoire, especially in the empathy and assertiveness subscales, and negative correlation with the subscale Self-control. The conclusion of the study is that maternal parenting practices are related to the repertoire of adolescent social skills.

**Keywords:** adolescence, attachment, maternal behavior, parental practices, social skills.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>1.1. Estilos e práticas parentais maternas .....</b>   | <b>13</b> |
| <b>1.2. As habilidades sociais como fator de proteção para a infância e adolescência.....</b>   | <b>15</b> |
| <b>1.3. A importância do vínculo materno no desenvolvimento de crianças e adolescentes.....</b> | <b>17</b> |
| <b>2. OBJETIVOS.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>2.1. Objetivo geral.....</b>   | <b>21</b> |
| <b>2.2. Objetivos específicos.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>3. MÉTODO.....</b>   | <b>22</b> |
| <b>3.1. Considerações éticas.....</b>   | <b>22</b> |
| <b>3.2. Delineamento.....</b>   | <b>22</b> |
| <b>3.3. Participantes.....</b>  | <b>22</b> |
| <b>3.4. Instrumentos e materiais.....</b>   | <b>23</b> |
| <b>3.5. Procedimentos.....</b>  | <b>24</b> |
| <b>3.5.1. Procedimentos de coleta de dados.....</b>   | <b>24</b> |
| <b>3.5.2. Procedimentos de análise de dados.....</b>  | <b>25</b> |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>  | <b>26</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>35</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>39</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>   | <b>45</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A família constitui o primeiro e mais importante núcleo para a criança, influenciando diretamente seu desenvolvimento (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999). É no meio familiar que a criança apreende as primeiras noções de civilidade, padrões de comportamento, normas e valores, estabelecimento de relações interpessoais, etc. (SIGOLO, 2004). Segundo Bowlby (1989), a partir da relação com os pais, a criança estabelece um modelo de funcionamento interno que influencia fortemente suas relações com o mundo e consigo mesmo, em etapas posteriores do desenvolvimento e na formação da personalidade. Waters (2000) pontua que à medida que a idade e o desenvolvimento cognitivo evoluem, as representações sensório-motoras oriundas da relação de apego seguro na infância, dão origem à representação mental, que possibilita à criança estabelecer representações cada vez mais complexas, com implicações não apenas imediatas, mas também na adolescência e vida adulta.

Uma preocupação atual que tem se mostrado mais frequente em estudos de desenvolvimento infanto-juvenil, é a identificação de crianças e adolescentes expostos a fatores considerados de risco, fatores estes que podem ser cognitivos (como lesões cerebrais e atraso no desenvolvimento), biológicos (como problemas de saúde crônicos) ou psicossociais (como dificuldade de acesso à saúde e educação) (SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005). Segundo estudo dos autores, são alguns fatores de risco para o desenvolvimento de crianças e adolescentes: prematuridade; desnutrição; família desestruturada; crianças cujas mães sejam jovens, solteiras ou pobres; crianças vindas de famílias desorganizadas; ou ainda crianças cujos pais apresentem desordens mentais, afetivas ou genéticas.

Andrade (2005) buscou verificar a relação entre a qualidade de estimulação familiar e o desenvolvimento cognitivo de crianças com idade entre 1,2 a 3,5 anos e constatou uma associação positiva e estatisticamente relevante entre as duas variáveis. Em outro estudo, Ferreira e Marturano (2002) avaliaram dois grupos de crianças, um com problemas de comportamento e outro de crianças sem queixas de comportamento na escola, onde verificou-se maior número de adversidades relacionadas ao ambiente familiar no segundo grupo, tais como a frequência de problemas nos relacionamentos interpessoais, de práticas punitivas e modelos agressivos (por parte dos pais), e negligência nos cuidados com os filhos.

Se problemas de estruturação familiar e negligência parental contribuem para problemas de comportamento, aprendizagem e cognição em geral, por outro lado, um bom funcionamento familiar, a existência de vínculo afetivo, o apoio e monitoramento parental,

são indicativos de fatores de proteção, que reduzem a probabilidade de adolescentes apresentarem problemas no desenvolvimento, transtornos de conduta e problemas de comportamento, conforme aponta Reppold (2002). Rae-Grant (1989) apresenta como fatores de proteção relacionados a aspectos familiares: a) a proximidade da família; b) o suporte dos pais para com o adolescente; c) ambiente com regras adequado.

Segundo Kumpfer e Alvarado (2003) um ambiente familiar positivo é o principal fator para jovens não se engajarem em comportamentos não saudáveis ou delinquentes. Schor (1996) apresenta um importante dado ao verificar a relação entre abuso de álcool dos pais e de seus filhos, indicando que o abuso de substâncias alcoólicas entre jovens não tem relação linear com o fato de seus pais apresentarem o mesmo comportamento, mas está mais fortemente relacionado aos padrões de comportamento dos pais para com seus filhos e com as interações familiares negativas. Por outro lado, Schenker (2005) aponta que uma interação familiar pode ser positiva e fator protetor mesmo nos casos de pais viciados em álcool, contanto que estes pais sejam capazes de propiciar ao jovem um ambiente afetoso e de cuidado, conforme averiguou em famílias com pais alcólatras, chegando a essa constatação.

Ferriolli (2007) pontua como fator de proteção para o surgimento ou intensificação de transtornos psiquiátricos em crianças e adolescentes – como déficit de atenção e hiperatividade e transtorno de conduta –, o esclarecimento em relação aos sinais e sintomas de transtornos psiquiátricos, pais apoiadores e adequado estabelecimento de limites e regras, e ambiente familiar organizado. Além disso, constatou-se como fatores de proteção para o desenvolvimento de psicopatologias, bom repertório de habilidades sociais, práticas educativas parentais saudáveis e apego seguro com os progenitores (MURTA, 2007). Este último dado realça a importância de um repertório de habilidades sociais elaborado para em crianças e adolescentes.

### **1.1. Estilos e práticas parentais maternas**

É recorrente a discussão sobre o meio mais adequado dos pais educarem seus filhos, sobre práticas negativas e positivas e suas implicações nos mais diversos aspectos da vida do adolescente. Para responder a essa questão, pode-se partir de aspectos elementares como qual têm sido os estilos parentais adotados e quais suas características.

Sobre o assunto, cabe um destaque ao estudo de Baumrind (1966; 1967), que trata dos modelos de autoridade parental a partir de tipos específicos de liderança, que resultou na classificação de três tipos de modelo parental: autoritário, autoritativo e permissivo. Segundo a autora (1966), o modelo autoritário consiste no controle dos filhos de modo rígido e inflexível, recorrendo a medidas punitivas – físicas ou verbais - para que comportem-se

segundo suas exigências. Para os filhos, esse modelo pode trazer como consequência, uma tendência à hostilidade e comportamento agressivo perante figuras de autoridade. No modelo permissivo, prevalece uma conduta não-punitiva e condescendente perante os desejos e comportamentos dos filhos (BAUMRIND, 1966).

Assim como Aristóteles aduz que se configura como virtude, a justa medida, a ação que habita no equilíbrio entre o excesso e a falta; de igual modo o estilo parental autoritativo engloba aspectos de autoridade e permissividade na justa medida, o que o torna o modelo parental mais efetivo entre os três. Neste, há alto nível exigência, que não exclui, todavia, alto nível de responsividade, isto é, de apoio emocional, incentivo a autonomia e diálogo (BAUMRIND, 1966).

Posteriormente, o estilo parental permissivo foi desmembrado em estilo indulgente e estilo negligente, tomando como critério duas dimensões: exigência e responsividade (MACCOBY; MARTIN, 1983), por meio das quais foram sistematizados todos os estilos parentais. Atendo-se aos estilos mais recentes e tomando como critério as dimensões mencionadas, podemos dizer que pais indulgentes são responsivos mas não exigentes, e que pais negligentes não são nem responsivos nem exigentes (WEBER et al., 2003). Vale a ressalva de que estilo parental negligente e negligência abusiva não são equivalentes. A negligência abusiva corresponde ao não suprimento das necessidades básicas da criança/adolescente por parte do responsável (Idem, ibdem). Já o estilo negligente está relacionado ao ato de ignorar a maioria do comportamento de seus filhos e responder raramente às iniciativas de comunicação destes (GOMIDE, 2011).

Darling e Steinberg (1993) ressaltam a importância de se manter clara a diferença entre estilos parentais e práticas parentais. Práticas parentais são estratégias utilizadas pelos pais para suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados, e que variam de acordo com as circunstâncias (REPPOLD, 2002), podendo ser positivas ou negativas. Os estilos parentais por sua vez, compreendem um conjunto de práticas parentais adotadas pelos pais.

Gomide (2011) classifica as práticas parentais em sete, duas consideradas positivas e cinco negativas, conforme indica o quadro:

**Quadro 2.** Definição das práticas parentais positivas e negativas

| <b>Práticas positivas</b>  | <b>Definição</b>   |
|----------------------------|--|
| Monitoria Positiva         | Adequado acompanhamento e supervisão, e estabelecimento de regras; distribuição contínua e segura de afeto.                                |
| Comportamento moral        | Proporciona condições favoráveis ao desenvolvimento de virtudes como empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho e generosidade. |
| <b>Práticas negativas</b>  | <b>Definição</b>   |
| Negligência                | Ausência de atenção e afeto.   |
| Abuso físico e psicológico | Disciplina através de práticas corporais negativas, ameaça e chantagem de abandono e de humilhação do filho.                               |
| Disciplina relaxada        | Relaxamento de regras estabelecidas.   |
| Punição inconsistente      | Punição ou reforço não pelo ato praticado mas por influencia do humor.   |
| Monitoria negativa         | Excesso de instruções e geração de um ambiente de convivência hostil.  |

A presença de práticas parentais positivas, segue a autora, podem reduzir a possibilidade de comportamentos antissociais, a vulnerabilidade ao uso de drogas e garantem maior estabilidade emocional e comportamentos habilidosos de empatia. Em contrapartida, práticas negativas, podem ocasionar inibição social, agressividade, insegurança, problemas de autoestima, depressão e ansiedade (Idem, ibidem); além da reprodução das mesmas práticas negativas em seus futuros filhos (CECCONELLO, 2003).

Constatou-se pelos estudos de Cia et al. (2008) que o envolvimento materno esteve positivamente correlacionado com o bom desempenho acadêmico em leitura, escrita e aritmética, de crianças do ensino fundamental. Ferreira e Maturano (2002) também identificaram correlações entre práticas parentais e desempenho escolar. Segundo os autores, crianças com pais cujas práticas parentais são predominantemente negativas – em especial, negligência – e instabilidade familiar, apresentaram maiores queixas de dificuldade de aprendizagem quando comparados ao grupo de crianças que são submetidas a práticas parentais positivas.

## **1.2. As habilidades sociais como fator de proteção para a infância e adolescência**

Apesar das diferenças conceituais entre autores, pode-se, em linhas gerais, definir habilidades sociais (HS) como um conjunto de comportamentos emitidos nas relações interpessoais, que permite ao indivíduo expressar sentimentos, desejos, atitudes, opiniões e reivindicações, de forma adequada à circunstância, e que contribuem tanto para a resolução de problemas no momento presente quanto para minimizar a probabilidade de problemas futuros (CABALLO, 1987). Outra definição, segundo Del Prette e Del Prette (2009a), caracteriza HS como “diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas”.

Del Prette e Del Prette (2001) apresentam seis categorias de habilidades sociais, a saber: empáticas, de trabalho, de civilidade, de expressão de sentimento positivo, de comunicação e habilidades sociais assertivas de enfrentamento, conforme exposto a seguir:

**Quadro 1.** Classes de Habilidade Sociais e exemplos

| <b>Classes de Habilidades Sociais</b> | <b>EXEMPLOS</b>   |
|---------------------------------------|---|
| Comunicação                           | Iniciar e encerrar uma conversação, fazer e responder perguntas, gratificar e elogiar, dar e receber <i>feedback</i> .  |
| Civilidade                            | Apresentar-se, cumprimentar, despedir-se e agradecer, utilizando formas delicadas de conversação (por favor, obrigado, desculpe).   |
| Assertivas de Enfrentamento           | Manifestar opinião, concordar ou discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir falhas; estabelecer relacionamento afetivo/sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas. |
| Empáticas                             | Interpretar e compreender os sentimentos e pensamentos do interlocutor (cognitivo); experienciar a emoção do outro, mantendo controle sobre ela (afetivo); expressar compreensão e sentimentos relacionados às dificuldades ou êxitos do interlocutor (comportamental).           |
| Trabalho                              | Coordenar grupos; falar em público; resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos.  |
| Expressão de Sentimento Positivo      | Fazer amizades; expressar solidariedade; cultivar o amor.   |

O repertório de habilidades sociais que um indivíduo desenvolve ao longo da vida deve ser entendido como um *continuum*, não como uma medida “tudo ou nada” em que um indivíduo possui ou não habilidades sociais. Por isso, a pergunta mais correta seria: o quanto de habilidades sociais o indivíduo possui? Um aspecto importante relacionado a esta ideia é a de dificuldade, que pode interferir na forma ou frequência com que os comportamentos avaliados como socialmente habilidosos são emitidos.

Dificuldades em habilidades sociais são agrupadas e explicadas em três conjuntos: déficit de aquisição, déficit de desempenho e déficit de fluência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009a). O primeiro decorre da carência de conhecimentos sobre como desenvolver determinada habilidade social em dada situação, ocasionada também pela falta de oportunidades prévias de aprendê-la. Este déficit é costumeiramente verbalizado pelo indivíduo em expressões como “não sei como fazer” mesmo em condições favoráveis para executá-la (Idem, 2017a). O déficit de fluência, por sua vez, trata-se da habilidade social que é desempenhada, mas que não atinge os níveis de aproveitamento esperados, como acontece, por exemplo, com a pessoa que cumprimenta as pessoas gentilmente “quando quer”, mas habitualmente é rude com os demais (Idem, *ibidem*). O último, déficit de desempenho, pode ser exemplificado na frase “faço, mas não funciona”, isto é, a habilidade social é desempenhada, pode ocorrer com frequência, mas alguns componentes como contato visual,

expressão corporal, tom de voz, etc., deixam a desejar e por conseguinte, acabam por não produzir resultados de competência social (Idem, ibidem).

Embora os termos “habilidades sociais” e “competência social” sejam tomados como sinônimos algumas vezes (Idem, 2008), define-se competência social como “um construto avaliativo do desempenho de um indivíduo (pensamentos, sentimentos e ações) em uma tarefa interpessoal que atende aos objetivos do indivíduo e às demandas da situação e cultura, produzindo resultados positivos, conforme critérios instrumentais e éticos” (Idem, 2017b). A competência social pressupõe habilidades sociais e depende também de sua funcionalidade e coerência com as crenças e sentimentos do indivíduo (Idem, 2001).

As relações interpessoais estão presentes em todas as esferas da vida, podendo propiciar grande bem-estar quando correm bem (SCHERER, 1986) ou desencadear grande sofrimento e tristeza quando não são satisfatórias (BOWLBY, 1990). Segundo a literatura, indivíduos com relações positivas e duradouras apresentam menor taxa de depressão (CUTRONA, 1989) e menos problemas psicológicos e de saúde física como stress, baixa autoestima, dores de cabeça e dores musculares (DELONGIS, 1988); ao passo que a falta de competência social é uma variável fortemente relacionada à falta de satisfação e depressão (FERNANDES, 2012).

Diferente do que é dito de modo popular, o bem-estar da criança e adolescente não significa necessariamente a ausência de problemas, mas a capacidade de resolução destes e do modo de agir perante situações adversas. Pode-se dizer ainda que é precisamente esta “maleabilidade” que assegura uma relação saudável na infância e não a ausência de dificuldades, daí a necessidade de um bom repertório de habilidades sociais. Del Prette e Del Prette (2009a), atestam que “um repertório elaborado de habilidades sociais contribui decisivamente para uma relação harmoniosa na infância [...] e numa convivência cotidiana mais agradável”.

É o seio familiar o primeiro ambiente do qual provém o aprendizado das habilidades sociais. Desde tenra idade a criança aprende comportamentos sociais e não-sociais por meio da observação do comportamento de seus pais e pela instrução dada por eles ao estabelecerem regras e punições para seu não cumprimento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009a). Além disso, quanto maior a participação dos pais na vida de seus filhos, tanto maior será seu o repertório de habilidades sociais destes (CIA, 2006).

### **1.3. A importância do vínculo materno no desenvolvimento de crianças e adolescentes**

Na década de 1950, a pedido da Organização Mundial da Saúde, o psiquiatra americano John Bowlby produziu um extenso trabalho que buscava avaliar as implicações dos cuidados maternos para o desenvolvimento e saúde mental a curto e longo prazo. Os resultados obtidos comprovaram que há danos emocionais e psicológicos nos diferentes estágios de desenvolvimento humano, causados pela privação materna, os quais podemos citar: dificuldade em estabelecer vínculos, hostilidade, agressividade, comportamento sexual precoce, dificuldade de aprendizagem, sintomas de ansiedade e sintomas depressivos (BOWLBY, 1995).

Segundo a teoria do autor, “apego” é definido como um vínculo afetivo estabelecido entre um indivíduo e uma figura de apego, que habitualmente é a mãe/cuidadora. Para que este laço se estabeleça, há a necessidade, por parte da criança, de proteção e segurança, que são elementos fundamentais na infância. As crianças “instintivamente” se apegam a quem cuida delas, como um fator de sobrevivência, o que inclui o desenvolvimento não apenas físico como também emocional e social (BOWLBY, 2002)

Usando a formulação inicial de Bowlby, Mary Ainsworth (2005) ampliou os conceitos da teoria, trazendo a classificação dos padrões (ou tipos) de apego, definidos como: a) apego seguro, onde os pais/cuidador age de modo apropriado, suprimindo as necessidades da criança. Este tipo de apego propicia a criança maior autonomia, facilidade em se relacionar com outras pessoas e boa estima sobre si próprio; b) evitativo, onde o cuidador responde pouco ou não responde aos comportamentos irritativos da criança. Como consequência, a criança passa a igualmente evitar relações de apego, é rebelde e demasiado independente e, a longo prazo, evita relações com pares e amigas; c) ambivalente, isto é, apresenta oscilações (o cuidador) entre respostas de cuidado e de negligência, criando um clima de instabilidade para a criança, que passará a apresentar comportamentos de ansiedade social; d) desorganizado, em que o cuidador é desorientado, confuso quanto a seu papel, muito comum em pais com transtornos psiquiátricos, ocasiona igual desorientação por parte da criança, que apresenta um misto de comportamentos ansiosos e evitativos (AINSWORTH, 2015).

Estudiosos do apego inicial como Bowlby (1990) e Ainsworth (2015) afirmam que o relacionamento com a mãe é internalizado pela criança num modelo interno que, posteriormente, irá estruturar e direcionar seu comportamento diante de outros relacionamentos ou situações sociais. Segundo Bowlby (1989), a criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, de acordo com o modo como foi cuidada.

Posteriormente, o modelo internalizado, se alicerçado num sentimento de segurança para com os cuidadores, propiciará para a criança a confiança em si própria e a autonomia. Deste modo, a partir das primeiras experiências com as figuras de apego, cada indivíduo constrói seu modelo interno. Esta imagem interna, estabelecida na relação com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros, ficando evidente já nos primeiros relacionamentos com outras pessoas além dos pais, ainda na infância e se estendendo a todos os relacionamentos ao longo da vida (BRETHERTON; MUNHOLLAND, 1999).

Engels et al. (2001) levantam a hipótese de que não há associação possível entre a qualidade do apego parental e o êxito em relacionamentos posteriores, posto que a relação mãe-filho é vertical, enquanto relacionamentos com amigos ou pares tendem a ser simétricos. Entretanto, dados dos estudos empíricos de Cooper e Cooper (1992) mostram que o apego parental está positivamente relacionado às habilidades sociais, como a negociação, a concessão e a recepção de críticas. Deste modo, apesar de necessitarem de HS diferentes para se adequarem a ambientes familiares e demais relações sociais, há suporte empírico para a influência dos pais sobre o desenvolvimento de habilidades sociais.

Problemas comportamentais e emocionais infantis que afetam diretamente as relações interpessoais e estão associados a transtornos psicológicos, são classificados em problemas externalizantes e problemas internalizantes e decorrem, sobretudo, de um fraco repertório de habilidade sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE 2009a). Os problemas externalizantes referem-se a comportamentos como agressividade, hiperatividade e indisciplina, e estão comumente ligados ao transtorno desafiador opositivo e transtorno de conduta (Idem, ibidem). Problemas internalizantes, por sua vez, caracterizam-se por ansiedade, retraimento, tristeza, medo e queixas somáticas, e em geral, estão associados a transtornos de humor e ansiedade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002).

A fim de exemplificar a importância do envolvimento parental neste aspecto, é possível citar o estudo de Oliveira-Monteiro (2013) sobre problemas internalizantes e externalizantes realizado com quatro grupos distintos de adolescentes ( 1) estudantes de escola pública em tempo integral; 2) estudantes assistidos por equipamento sociocultural; 3) abrigados; 4) adolescentes grávidas/mães), donde se observa que os piores resultados obtidos nas duas variáveis foram do grupo de adolescentes de abrigo. Em outro estudo, realizado por Pinhel (2009), vê-se que crianças institucionalizadas apresentaram escores mais altos em problemas externalizantes em relação ao segundo grupo avaliado, formado por crianças que viviam com sua família de origem.

Cia (2006) expôs em seu trabalho a importância do vínculo entre a criança e seus pais para o desenvolvimento de habilidades sociais, comparando o repertório de HS com o envolvimento de pais com filhos, avaliados por meio do Questionário da Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Filhos e do Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (Avaliação pela Criança). Tal envolvimento (mais especificamente: comunicação e participação dos pais) esteve positivamente correlacionado aos escores de habilidades sociais das crianças em frequência, adequação e dificuldade, e negativamente com os indicadores de comportamentos internalizantes nas crianças.

Há uma abundante lista de pesquisadores internacionais que tratam da importância da figura materna para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes e os danos causados por essa privação, mesmo em casos menos extremos, como a substituição da mãe por uma babá ou da depressão pós-parto (em quadros onde a mãe afugenta seu filho). São alguns estudiosos da área: Brazelton e Cramer (1989, 1992); Bowlby (1995, 2001); Lebovici (1987) e Mahler (1993).

Mondardo (1998), em um estudo de caso, valida a hipótese de que a ausência ou negligência materna afetam significativamente a saúde mental, por meio do relato de três crianças diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, estritamente relacionado à ausência de cuidados maternos nos primeiros anos de vida. Motta (2005) evidencia ainda as alterações no desenvolvimento neurobiológico e psicológico de crianças negligenciadas por mães entre o período de nascimento até o sexto ano de vida. Gomide (2005) aponta ainda que adolescentes que vivem em ambientes familiares negligentes apresentam maior frequência de estresse, depressão e baixo índice de habilidades sociais. Todos os estudos mencionados endossam que tanto a privação total (no caso das crianças institucionalizadas) quanto a privação parcial (quando a criança vive com a mãe, mas não possui cuidados satisfatórios) produz efeitos negativos no desenvolvimento do indivíduo, desde a infância até a idade adulta, prescindindo, de certo modo, outras variáveis como nível econômico e condições de saúde física.

Há vasto estudo acerca das consequências a curto e longo prazo, produzidas pela privação materna em crianças e adolescentes (AINSWORTH, 1963; ALLEN, 1999; AMMANITI, 2000; BRETHERTON, 1992; COLLINS, 1994; KOBAK; COLE, 1994; RUTTER, 1972). Esse tipo de investigação tem fundamental importância para os estudos de desenvolvimento e saúde mental de crianças e adolescentes nos tempos de hoje, considerando que grande parte das mães “separam-se” de seus filhos muito precocemente, sobretudo devido a longa jornada de trabalho. Em tempos onde papéis familiares são postos em discussão e há a

terceirização cada vez mais frequente dos cuidados básicos à criança, é oportuno investigar qual tem sido o impacto das mudanças da sociedade moderna para a saúde e desenvolvimento das crianças e adolescentes. Por estes motivos, os objetivos, apresentados a seguir, foram elaborados de forma a preencher essas lacunas.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivos gerais**

- Investigar as práticas parentais maternas e o repertório de habilidades sociais em adolescentes.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Mensurar os índices de práticas parentais maternas;
- Descrever a frequência dos tipos de práticas parentais maternas;
- Realizar correlação interna entre fatores do IEP;
- Caracterizar o repertório de habilidades sociais; e
- Correlacionar as práticas parentais maternas aos indicadores do repertório de habilidades sociais.

### **3. MÉTODO**

#### **3.1. Considerações éticas**

O presente trabalho foi submetido à Plataforma Brasil (CAAE: 87749418.0.0000.5087), aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA com o parecer 2.683.062 (APÊNDICE A) e acatou o que está previsto na Resolução 466/12, resguardando a integridade física e moral dos participantes, considerando ainda os aspectos éticos indispensáveis na pesquisa com seres humanos. Foi observado o requisito de confidencialidade dos participantes, bem como de seus dados pessoais.

Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento, foram expostas de maneira clara e sucinta, as principais informações sobre a pesquisa em questão, como método, riscos e benefícios. O resultado do estudo estará disponível aos participantes da pesquisa e às instituições onde foram realizadas as coletas de dados. Os arquivos contendo os dados coletados, serão arquivados por 5 (cinco) anos e após esse prazo, serão picotados e descartados.

#### **3.2. Delineamento**

O método utilizado classifica-se como investigação quantitativa, um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis, baseando-se na observação de acontecimentos e de fenômenos que existem independentemente do investigador (FORTIN, 1999). Dentro da abordagem quantitativa o estudo possui carácter descritivo e correlacional, já que pretende fornecer uma descrição dos dados relativos às variáveis em estudo e as relações existentes entre elas e pretende examinar a associação de uma variável com outras variáveis.

#### **3.3. Participantes**

O trabalho foi composto por uma amostra de 76 adolescentes com faixa etária entre 12 a 17 anos, com média de idade 14,49 anos (desvio padrão = 1,53). O tamanho da amostra foi estabelecido para permitir a realização de análises estatísticas paramétricas, que segundo Pasquali (2015) pode ser realizada em população normal a partir de uma amostra igual ou superior a 30. O critério de escolha dos participantes foi por conveniência. Além disso, serviram como critérios de inclusão: adolescentes de ambos os sexos, pertencer à faixa etária estabelecida, e morar ou ter contato com a mãe. A coleta de dados foi realizada em duas

escolas de São Luís, de ensino fundamental e médio, sendo uma da rede pública de ensino e outra, privada.

**Tabela 1.** Percentagem de amostra por sexo

| Sexo         | Percentagem |
|--------------|-------------|
| Homens       | 49,3        |
| Mulheres     | 50,7        |
| <b>Total</b> | <b>100</b>  |

**Tabela 2.** Percentagem de amostra por tipo de escola

| Escola       | Percentagem |
|--------------|-------------|
| Pública      | 17,1        |
| Privada      | 82,9        |
| <b>Total</b> | <b>100</b>  |

### 3.4. Instrumentos e materiais

O Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) é um instrumento de autorrelato de avaliação de HS destinado a adolescentes com faixa etária de 12 a 17 anos, desenvolvido por Del Prette e Del Prette (2009b). O instrumento é composto por 38 questões, as quais avaliam as habilidades de relacionamento com diferentes pessoas (pais, irmãos, parceiro afetivo/sexual, amigos, estranhos ou não especificados, pessoas com autoridade) em diferentes meios públicos (lazer, trabalho, escola), privados (familiar e íntimo) ou não especificados. Em cada um dos itens, o participante deverá indicar a frequência e a dificuldade com que reage às diferentes demandas de interação social. As respostas são assinaladas e dispostas numa escala de avaliação em sistema *Likert* de 5 pontos (pontuação mínima = 0 e pontuação máxima = 4) e é possível obter ainda, por meio do IHSA, os escores em seis subescalas, a saber: Empatia, Autocontrole, Civilidade, Assertividade, Abordagem Afetiva e Desenvoltura Social. Neste estudo, foi utilizada a versão reduzida do instrumento, desenvolvida por Leme (2017), que contém 16 das 38 questões presentes na versão original do instrumento e no qual são avaliados quatro fatores, cada um com quatro itens, a saber: Empatia, Assertividade, Autocontrole e Abordagem Afetiva. O escore total da versão reduzida varia entre 0 e 64, e os escores dos fatores variam entre 0 e 16.

O segundo instrumento utilizado consistiu no Inventário de Estilos Parentais (IEP) desenvolvido por Gomide (2011), que avalia sete tipos de práticas parentais, cada qual com 6 questões, totalizando 42 itens e, assim como o IHSA, é respondido em escala *Likert*, sendo esta de 3 pontos (pontuação mínima = 0 e pontuação máxima = 2). Destas, duas são positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco negativas (abuso físico, disciplina

relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente). Para cada fator, a pontuação varia entre 0 a 12. O instrumento permite ao avaliador verificar ainda sob quais práticas parentais o adolescente está ou esteve sujeito e quais práticas devem ser mantidas, otimizadas ou modificadas, através do escore obtido da subtração da soma das práticas positivas pela soma das práticas negativas. Tem-se com esta subtração o *iep* (índice de estilos parentais), que pode até mesmo ter valores negativos.

As pontuações do *iep* podem ser consultadas nas tabelas normativas, onde são apresentados os percentis correspondentes aos valores encontrados. Através do valor percentil obtido, é possível observar qual estilo parental é predominante. Os percentis são agrupados nas seguintes categorias: estilo parental *ótimo*, *regular acima da média*, *regular abaixo da média*, e *de risco*. O inventário possuiu três versões: 1) em que o filho responde a respeito do pai; 2) em que o filho responde a respeito da mãe; 3) auto-aplicação, em que o pai (ou mãe) responde sobre sua forma de educar os filhos. No estudo foi utilizado apenas o questionário em que o filho responde sobre a mãe.

### **3.5.Procedimentos**

#### **3.5.1. Procedimentos de coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada em três etapas. A primeira contactando diretores e supervisores pedagógicos das instituições em que se pretendia realizar o estudo, destinando a estes o ofício de encaminhamento do pesquisador pelo Departamento de Psicologia da UFMA bem como uma cópia do projeto de pesquisa. Obtida a anuência das escolas, a segunda etapa consistiu na entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais dos adolescentes para autorizar a participação de seus filhos na pesquisa. O termo foi entregue aos adolescentes nas escolas participantes do estudo, com prazo de dois dias para retorno com assinatura do responsável pela autorização ou do termo em branco – no caso de não autorização. Após coletar os termos assinado pelos pais (que os adolescentes levaram para casa), foi dado início a terceira etapa do estudo, com a entrega do Termo de Assentimento (TA) aos adolescentes e também o esclarecimento dado pelo aplicador às dúvidas que eventualmente surgiram. Coletadas as assinaturas dos termos TA, foi entregue os dois inventários (IHSA e IEP) aos participantes na própria escola que frequentam, com explicação prévia do que trata o instrumento e como respondê-lo. A aplicação aconteceu por turmas, para facilitar o acompanhamento dos participantes enquanto respondiam. Ao fim da aplicação, os adolescentes foram informados sobre o prazo em que os resultados ficariam prontos e que

seria enviada uma cópia do estudo ao colégio, disponível para os participantes e direção da escola.

### **3.5.2. Procedimentos de análise de dados**

Com os questionários respondidos pelos adolescentes em mãos, os dados foram digitados na versão 25 do programa IBM *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). A partir daí, foram realizadas análises descritivas de frequências e médias, além de análises de percentis com base no manual do instrumento IEP. Também foi utilizada estatística inferencial a partir da realização de análises de correlação produto momento de Pearson. Neste caso, foram observadas a direção e a força das correlações, bem como sua significância, inferida a partir de  $p < 0,005$ .

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos por meio do Inventário de Estilos Parentais (IEP), mostrados na tabela 3, indicaram os seguintes índices para cada prática parental:

**Tabela 3.** Valores mínimos e máximos, média e desvio padrão obtidos no IEP

| Prática Parental      | Valor mínimo | Valor máximo | Média | Desvio Padrão |
|-----------------------|--------------|--------------|-------|---------------|
| Monitoria positiva    | 1            | 12           | 8,72  | 2,8           |
| Comportamento moral   | 2            | 12           | 8,53  | 2,7           |
| Negligência           | 0            | 11           | 4,58  | 2,5           |
| Punição inconsistente | 0            | 10           | 3,76  | 2,9           |
| Disciplina relaxada   | 0            | 7            | 3,05  | 1,7           |
| Monitoria negativa    | 1            | 12           | 6,16  | 2,5           |
| Abuso físico          | 0            | 11           | 2,45  | 2,7           |
| <b>Total IEP</b>      | -39          | 18           | -2,74 | 11            |

Além disso, os resultados apresentados na tabela 4, apontaram que em 7 das 8 práticas avaliadas, houve prevalência do estilo “risco” nos participantes, sendo “negligência” o fator com maior porcentagem de risco e “monitoria positiva” e “comportamento moral”, os itens com menor porcentagem de risco que, no entanto, ainda são superiores aos valores obtidos em “ótimo” e “acima”.

**Tabela 4.** Resultados por fator e classificação de práticas e estilo parental

| Classificação de Estilo Parental | IEP  | Monitoria Positiva | Negligência | Punição Inconsistente | Disciplina Relaxada | Monitoria Negativa | Abuso Físico |
|----------------------------------|------|--------------------|-------------|-----------------------|---------------------|--------------------|--------------|
| Risco                            | 56,6 | 32,9               | 78,9        | 34,2                  | 39,5                | 40,8               | 52,6         |
| Abaixo                           | 14,5 | 38,2               | 10,5        | 26,3                  | 17,1                | 18,4               | -            |
| Acima                            | 21,1 | 13,2               | 6,6         | 13,2                  | 26,3                | 21,1               | 17,1         |
| Ótimo                            | 7,6  | 15,8               | 3,9         | 26,3                  | 17,1                | 19,7               | 30,3         |
| <b>Total</b>                     | 100  | 100                | 100         | 100                   | 100                 | 100                | 100          |

Os resultados do Inventário de Estilos Parentais trazem um relevante, porém preocupante dado a respeito das práticas parentais maternas, com graves implicações no desenvolvimento e saúde emocional/psicológica dos adolescentes. A importância do vínculo e práticas parentais maternas positivas comparece como um processo contínuo que não termina na infância. No período da adolescência, o indivíduo busca sua independência psicológica e

autonomia pelo afastamento dos pais por um lado, mas por outro, não sente suficiente segurança para se separar dos pais, recorrendo a eles como fonte de apoio (MATOS; COSTA, 1996). Este apoio – dos pais – dá-se, sobretudo, adotando um estilo parental que favoreça a autonomia sem haver negligência, a diligência sem haver irredutibilidade e abuso, o diálogo entre pais e filhos sem haver esmorecimento das medidas de disciplina (RAE-GRANT, 1989).

Sobre o alto escore obtido na prática Negligência, Bandura e Walters (1959) destacam a falta de engajamento dos pais e a frustração dos filhos proveniente da falta de afeto e imposição de disciplina, podem ocasionar a ocorrência de comportamentos agressivos nos adolescentes. Além disso, a negligência pode afetar diretamente a autoestima da criança e adolescente, fazendo com que se sintam fragilizados e inseguros, levando-os a agir de modo agressivo ou mesmo apático (GOMIDE, 2011).

Em seu estudo, Pacheco (1999) indica que filhos de pais negligentes apresentaram baixo desempenho em variáveis como competência e desempenho social e níveis altos de agressividade, quando comparado ao grupo de filhos de pais autoritativos e autoritários. Ainda segundo o autor, filhos de pais negligentes têm dificuldade em realizar uma avaliação sobre seu próprio comportamento, por não terem um parâmetro claro sobre quais padrões de comportamento serem adequados e/ou esperados.

Quanto às práticas parentais baseadas no abuso físico, a literatura aponta para a dificuldade dos adolescentes em desenvolver suas capacidades, uma vez que podem ficar confusos em relação ao comportamento que se espera deles se, por exemplo, na escola são convocados a tomar decisões e em casa não lhes é permitido sequer opinar sobre algo (CECCONELLO, 2003). Além disso são afetadas também outras habilidades como autonomia e autoestima (Idem, ibidem). Segundo Gomide (2011) o abuso físico pode não influenciar o comportamento adequado do adolescente como influencia aspectos psicológicos/emocionais. A autora prossegue que essa prática pode gerar crianças e adolescentes apáticos, desinteressados e medrosos, além da dificuldade de distinguirem o que é “certo” do que é “errado” em seu comportamento.

Ainda sobre o tema, Belsky (1980) concluiu em seu trabalho que pais que receberam educação severa ou sofreram maus-tratos na infância, tendem a repetir as mesmas experiências em seus filhos, que por sua vez, tenderão a fazer o mesmo quando forem pais. Além disso, há consenso entre diferentes autores como Kashani e Allan (1998), Pelcovitz (2000), De Antoni e Koller (2000) e Koller (1999), que nas famílias com prática de abuso físico, a relação dos pais para com os filhos, é marcada por hostilidade, falta de afeto, afastamento emocional e até mesmo rejeição. Esse dado está em consonância com um dado

obtido no presente estudo, em que foi encontrada uma forte correlação positiva entre abuso físico e negligência ( $r = 0,560$ ;  $p = 0,00$ ).

Seria demasiado extenso discutir as implicações de cada prática parental negativa e por esta razão, foi dado maior destaque às duas práticas que apresentaram os escores mais altos, bem como por mais de 50% da amostra. Contudo, vale a menção dos apontamentos de Gomide (2011) sobre as demais práticas negativas. A autora pontua que com a disciplina relaxada e a monitoria negativa, os pais ensinam involuntariamente a seus filhos a não cumprirem regras e serem resistentes a elas; e com a punição inconsistente, podem incitar seus filhos a serem desobedientes e instáveis emocionalmente, podendo apresentar comportamentos agressivos/ansiosos.

Por outro lado, é possível observar os “ganhos” oriundos de práticas parentais positivas. A monitoria positiva materna, por exemplo, segundo Pettit e Bates (1999), associada ao afeto materno está consistentemente ligado a ausência de problemas de comportamentos, ao passo que medidas coercitivas e falta de apego materno, foram preditores de comportamentos antissociais na infância. Carvalho (2003) verificou que filhos cujos pais apresentavam práticas educativas de comportamento moral, apresentaram mais comportamentos inibitórios de atos antissociais em comparação ao grupo que possuía pais que não exercitavam práticas de comportamento moral. Além disso, o comportamento moral dos pais faz com que crianças e adolescentes sintam-se mais seguros em relação ao seu bem-estar, o que os faz considerar as necessidades e bem estar das outras pessoas (HOFFMANN, 1994), ou em outras palavras, os faz mais empáticos.

Em relação aos resultados do IHSA Reduzido, nota-se, pela tabela 5, maior frequência dos comportamentos indicados nos itens 8, 9 e 12, respectivamente, e menor frequência dos comportamentos indicados nos itens 16, 11 e 3, respectivamente.

**Tabela 5.** Médias e desvio padrão de frequência de cada item incluso no IHSA Reduzido.

|    | ITENS   | Média | Desvio Padrão |
|----|---|-------|---------------|
| 8  | Se não quero ficar com um(a) menino(a), <u>eu recuso</u> , mesmo que ele seja muito insistente                          | 2,86  | 1,45          |
| 9  | Nos trabalhos de grupo, <u>explico as tarefas aos colegas</u> , quando necessário                                       | 2,71  | 1,31          |
| 12 | Ao perceber que fui inconveniente (grosso, desagradável) e ofendi alguém, <u>eu peço desculpas</u> .                    | 2,7   | 1,47          |
| 5  | Quando uma pessoa faz um pedido que acho abusivo (exagerado ou injusto), <u>eu recuso</u> .                             | 2,64  | 1,63          |
| 14 | Quando um colega está com alguma dificuldade na tarefa da escola ou trabalho, <u>eu ofereço minha ajuda</u> .           | 2,59  | 1,26          |
| 10 | Se acho errado fazer uma coisa, mesmo os colegas me pressionando, <u>eu fico na minha (não faço)</u> .                  | 2,58  | 1,50          |
| 4  | Consigo <u>tomar a iniciativa de encerrar a conversa</u> (bate-papo) com outra pessoa.                                  | 2,46  | 1,36          |
| 1  | Quando alguém faz algo de bom, <u>eu elogio</u> .   | 2,29  | 1,37          |
| 6  | Quando quero participar de um grupo da escola ou do trabalho, dou um jeito de <u>entrar na conversa</u> ("me enturmar). | 2,16  | 1,44          |
| 7  | Ao ser injustamente criticado, <u>consigo responder sem perder o controle</u> .   | 1,83  | 1,51          |
| 13 | <u>Reajo com calma</u> quando as coisas não saem como eu gostaria.  | 1,76  | 1,45          |
| 15 | Ao sentir desejo de conhecer alguém a quem não fui ainda apresentado, <u>eu mesmo me apresento a essa pessoa</u> .      | 1,62  | 1,45          |
| 2  | Mesmo quando meu grupo está perdendo em um jogo, <u>eu consigo manter a calma</u> .                                     | 1,57  | 1,40          |
| 16 | <u>Consigo controlar minha raiva</u> quando meu/minha irmão(ã) me irrita de alguma maneira.                             | 1,49  | 1,39          |
| 11 | Ao conhecer alguém que quero ter como amigo(a), <u>eu lhe faço perguntas pessoais</u> .                                 | 1,39  | 1,25          |
| 3  | Quando estou a fim de ficar com alguma pessoa, <u>eu digo isso a ele na primeira oportunidade</u> .                     | 0,7   | 1,16          |

Quanto à dificuldade, é possível observar na tabela 6, que destacam-se os itens 7, 3 e 16, respectivamente, como os comportamentos com maior média, e os itens 9, 1 e 14, respectivamente, como os de menor índice de dificuldade, conforme exposto a seguir:

**Tabela 6.** Médias e desvio padrão do fator “dificuldade” de cada item incluso no IHSA Reduzido.

|    | ITENS   | Média | Desvio Padrão |
|----|---|-------|---------------|
| 7  | Ao ser injustamente criticado, <u>consigo responder sem perder o controle.</u>  | 1,96  | 1,40          |
| 3  | Quando estou a fim de ficar com alguma pessoa, <u>eu digo isso a ele na primeira oportunidade.</u>                      | 1,96  | 1,45          |
| 16 | <u>Consigo controlar minha raiva</u> quando meu/minha irmão(ã) me irrita de alguma maneira.                             | 1,91  | 1,31          |
| 15 | Ao sentir desejo de conhecer alguém a quem não fui ainda apresentado, <u>eu mesmo me apresento a essa pessoa.</u>       | 1,87  | 1,23          |
| 4  | Consigo <u>tomar a iniciativa de encerrar a conversa</u> (bate-papo) com outra pessoa.                                  | 1,78  | 1,28          |
| 13 | <u>Reajo com calma</u> quando as coisas não saem como eu gostaria.  | 1,74  | 1,13          |
| 12 | Ao perceber que fui inconveniente (grosso, desagradável) e ofendi alguém, <u>eu peço desculpas.</u>                     | 1,71  | 1,37          |
| 11 | Ao conhecer alguém que quero ter como amigo(a), <u>eu lhe faço perguntas pessoais.</u>                                  | 1,71  | 1,24          |
| 8  | Se não quero ficar com um(a) menino(a), <u>eu recuso</u> , mesmo que ele seja muito insistente                          | 1,68  | 1,65          |
| 6  | Quando quero participar de um grupo da escola ou do trabalho, dou um jeito de <u>entrar na conversa</u> ("me enturmar). | 1,58  | 1,33          |
| 2  | Mesmo quando meu grupo está perdendo em um jogo, <u>eu consigo manter a calma.</u>                                      | 1,58  | 1,09          |
| 5  | Quando uma pessoa faz um pedido que acho abusivo (exagerado ou injusto), <u>eu recuso.</u>                              | 1,57  | 1,61          |
| 10 | Se acho errado fazer uma coisa, mesmo os colegas me pressionando, <u>eu fico na minha (não faço).</u>                   | 1,55  | 1,42          |
| 9  | Nos trabalhos de grupo, <u>explico as tarefas aos colegas</u> , quando necessário                                       | 1,54  | 1,43          |
| 1  | Quando alguém faz algo de bom, <u>eu elogio.</u>  | 1,42  | 1,30          |
| 14 | Quando um colega está com alguma dificuldade na tarefa da escola ou trabalho, <u>eu ofereço minha ajuda.</u>            | 1,26  | 1,34          |

Um dado que também merece destaque, refere-se ao item em que os adolescentes apresentaram maior dificuldade de realizar, segundo o IHSA reduzido (item 7: “ao ser injustamente criticado, consigo responder sem perder o controle”) classificado na subescala de autocontrole, ao mesmo tempo que os maiores percentuais de risco no IEP referiram-se a negligência e abuso físico. É possível que isto ocorra devido o impacto que ambos exerçam sobre o desenvolvimento do adolescente. Conforme mencionado anteriormente, em ambientes negligentes, o adolescente está mais propenso a sentir-se vulnerável e inseguro e por isso, apresentar comportamentos reativos, de hostilidade e agressividade (DODGE, 1994), o que também é observado em casos de abuso físico, somado a problemas de conduta (GOMIDE, 2011). A mesma justificativa se aplica ao item 16 na tabela 6 sobre frequência da emissão de HS (“Consigo controlar minha raiva quando meu/minha irmão(ã) me irrita de alguma maneira”) que também está classificado na subescala de autocontrole.

Os dois itens de menor frequência de HS – item 3: “Quando estou a fim de ficar com alguma pessoa, eu digo isso a ele na primeira oportunidade.”; e item 11: “Ao conhecer alguém que quero ter como amigo(a), eu lhe faço perguntas pessoais” – pertencem, ambos, a subescala de abordagem afetiva. Os estudos de Cooper e Cooper (1992), já mencionados neste

trabalho, apontam para a influência de práticas parentais positivas no bom desempenho dos adolescentes no relacionamento com amigos e pares. Também Bowlby (1995) e Bretherton e Munholland (1999) indicam em seus estudos que adolescentes que sofreram maus tratos ou negligência por parte da mãe (na infância ou na adolescência), apresentaram problemas de relacionamento interpessoal, como dificuldade em se envolver afetivamente, estabelecer amizades ou apresentando conduta sexual inadequada e de risco para a saúde. Portanto, considerando dados dos autores citados e uma vez demonstrado nos dados do presente estudo, tanto o alto escore em negligência quanto a baixa frequência na emissão de comportamentos habilidosos relacionados a abordagem afetiva, é possível inferir que o envolvimento afetivo com a mãe, exerce, sim, influência sobre o modo do adolescente se relacionar com outras pessoas e em outros meios sociais extrafamiliares.

Tanto os itens que apresentaram maior média de frequência (Item 8 “Se não quero ficar com um(a) menino(a), eu recuso, mesmo que ele seja muito insistente, e item 9 “Nos trabalhos de grupo, explico as tarefas aos colegas, quando necessário”) quanto os itens com menor média de dificuldade (Item 1 “Quando alguém faz algo de bom, eu elogio” e item 14 “Quando um colega está com alguma dificuldade na tarefa da escola ou trabalho, eu ofereço minha ajuda”) estão inclusos nas subescalas de empatia e assertividade, o que consiste num dado muito positivo. Segundo Ladd et al. (1996) a empatia contribui para o desenvolvimento das relações de amizade, que em situações de risco, como encontrado neste estudo, funcionam com a função de apoio social e, a longo prazo, como fator de proteção. Ademais, Martins (2010) apresenta dados de correlação negativa entre assertividade e ansiedade social e problemas de autoestima. Tomando por base os trabalhos mencionados, os dados obtidos no presente estudo são relevantes, uma vez que tais comportamentos habilidosos podem servir como fator de proteção para os adolescentes participantes.

Ao elencar as médias de dificuldade e frequência das subescalas, observou-se maior frequência na emissão de Habilidades Sociais de Assertividade e menor frequência na subescala de Abordagem Afetiva. Os resultados das médias de dificuldade por sua vez, apontaram a subescala “Autocontrole” com maior média percentual e a subescala “Empatia” como a de menor índice de dificuldade. Estes dados estão elencados na tabela 7, apresentada a seguir.

**Tabela 7.** Médias de frequência e dificuldade por fator e média total do IHSA Reduzido

|                   | Frequência | Desvio Padrão | Dificuldade | Desvio Padrão |
|-------------------|------------|---------------|-------------|---------------|
| Assertividade     | 10,54      | 3,81          | 6,58        | 4,53          |
| Empatia           | 10,29      | 4,134         | 5,93        | 4,51          |
| Autocontrole      | 6,64       | 3,98          | 7,18        | 3,31          |
| Abordagem Afetiva | 5,87       | 3,324         | 7,12        | 3,39          |
| <b>Total IHSA</b> | 33,72      | 10,07         | 26,76       | 9,70          |

A média elevada de frequência e baixa dificuldade em Assertividade, deve-se possivelmente à inserção do adolescente em outros meios, como a própria escola, por exemplo, e não apenas no ambiente familiar. Conforme aponta Baraldi e Silvaes (2003), quando crianças e adolescentes são inseridos em um novo contexto, espera-se que elas ampliem seu repertório de habilidades sociais, porque são incorporados a outros grupos e a novas dinâmicas sociais, que irão requerer e eliciar novos comportamentos habilidosos distintos. Esses outros ambientes que frequentam, podem inclusive, seguem os autores, sanar ou evitar o surgimento de comportamentos agressivos ou considerados inadequados.

Outra hipótese pode ser a presença da habilidade de resiliência nos adolescentes, que consiste na capacidade de enfrentar fatores de risco, valendo-se dos fatores de proteção, recursos positivos que dispõem (GRÜNSPUN, 2003). Sapienza e Pedromônico (2005) destacam que é absolutamente possível estar inserido num estilo parental de risco e ao mesmo tempo ser resiliente e apresentar, por esta razão, comportamentos habilidosos. Segundo eles, ser resiliente não os fará insuscetíveis a situações de risco, mas será de grande valia para estes para que possam superar dificuldades.

Por outro lado, vê-se menor frequência e maior dificuldade em Autocontrole e Abordagem Afetiva que, como já mencionado, pode ter forte influencia das práticas parentais negativas observadas nos dados apresentados anteriormente. Em um estudo longitudinal, onde os participantes foram acompanhados dos oito aos trinta anos, Huesmann e Eron (1984) concluíram que aqueles que durante a infância foram rejeitados e sofreram punições severas por parte dos pais, aprenderam a usar a agressão como alternativa para se expressar. Segundo Weber et al. (2003), filhos submetidos ao estilo parental negligente apresentam baixos índices de ajustamento, com menor competência social e cognitiva e mais problemas de comportamento. A falta de apego parental, como a falta de carinho e interação por parte dos pais, pode gerar no adolescente o comportamento reativo agressivo (GOMIDE, 2011).

Todas essas evidências podem validar, no presente trabalho, a hipótese de que as práticas parentais têm estrita relação com as habilidades sócias. Reforça essa hipótese, o dado

encontrado de que há forte correlação significativa ( $r= 0,33$ ;  $p= 0,003$ ) entre o índice de práticas parentais (*iep*) e o repertório total de habilidades sociais medidos pelo IHSA Reduzido. O dado mostra que quanto maior o índice de estilo parental, maior o repertório de habilidades sociais relatado pelos adolescentes e quanto menor o índice de estilo parental, menor o repertório de habilidades sociais.

Alguns fatores em específico do Inventário de Estilos Parentais apresentaram correlação com determinadas subescalas de frequência em Habilidades Sociais, como fica evidenciado na tabela 8. Observa-se que quanto maior a prática materna baseada no comportamento moral, maior a frequência em empatia, autocontrole e assertividade; e quanto maior a monitoria positiva, maior a frequência em empatia e assertividade – o que endossa mais uma vez as hipóteses levantadas e estudos aqui mencionados. Ao mesmo tempo, percebe-se que quanto menor a punição inconsistente, maior a frequência em empatia, o que é esperado, considerando que a punição inconsistente interfere na capacidade do adolescente discriminar situações e comportamentos bons ou ruins, uma vez que sua referência baseia-se de modo geral, não na circunstância em si, mas no humor de seus pais (GOMIDE, 2011).

**Tabela 8.** Correlação entre subescalas de frequência em habilidades sociais e práticas parentais maternas

| Empatia (frequência)  |       |       |
|-----------------------|-------|-------|
| Fator                 | R     | P     |
| Monitoria positiva    | 0,313 | 0,006 |
| Comportamento moral   | 0,464 | 0,001 |
| Punição inconsistente | -0,30 | 0,009 |

  

| Autocontrole (frequência) |      |       |
|---------------------------|------|-------|
| Fator                     | R    | P     |
| Comportamento moral       | 0,25 | 0,028 |

  

| Assertividade (frequência) |      |       |
|----------------------------|------|-------|
| Fator                      | R    | P     |
| Monitoria Positiva         | 0,25 | 0,03  |
| Comportamento moral        | 0,27 | 0,019 |

Não houve, por outro lado, correlação significativa entre práticas parentais maternas e as subescalas de dificuldade em Habilidades Sociais. Outro importante dado obtido é o de não haver diferenças significativas nas práticas parentais e repertório de habilidade sociais conforme o tipo de escola (pública ou privada). A premissa é que adolescentes que frequentam escola pública geralmente pertencem a família com nível

socioeconômico menor. Tal resultado indica, portanto, que os adolescentes inseridos na classificação de risco pertencem a diferentes camadas sociais e não apenas às classes menos favorecidas, como julga o senso comum. Bowlby (1995), afirma que uma boa relação entre mãe e seu filho propicia adequado desenvolvimento emocional/psicológico independente das condições sociodemográficas, uma vez que o apego seguro se sobrepõe a esta variável. Do mesmo modo, prossegue o autor, alto ou médio poder aquisitivo, uma escola com boas instalações e bom suporte educacional, não são garantias de um bom desenvolvimento na adolescência, quando somados a um baixo índice de estilo parental.

Portanto, em consonância com a hipótese levantada neste trabalho, parece haver relação entre o vínculo materno e as práticas parentais maternas na frequência da emissão de comportamentos relacionados a autocontrole, assertividade e empatia em adolescentes. Investigações futuras poderão trazer estes dados com ainda maior riqueza de detalhes. Como já mencionado neste trabalho, pesquisas mostraram que um contexto familiar seguro está relacionado às habilidades interpessoais dos adolescentes, como criticar, fornecer *feedback* positivo e ser assertivo (COOPER; COOPER, 1992; ENGELS, 2001; CECCONELLO, 2003; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009a). Os resultados desse estudo estão, portanto, em consonância com as evidências existentes sobre a influência de práticas parentais maternas no repertório de habilidades sociais na adolescência.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou contribuir na discussão e fornecimento de dados sobre o atual panorama da relação mãe-filho e suas implicações no desenvolvimento de habilidades sociais do adolescente, tendo como ideia fomentadora, a Teoria do Apego, desenvolvida pelo psiquiatra americano John Bowlby e com contribuições posteriores de Ainsworth. Segundo a teoria do apego, o contato com a mãe e a qualidade dessa interação têm fortes influências sobre a vida do indivíduo em diferentes etapas da vida (BOWLBY, 1995). O rompimento do vínculo materno ou a ausência de um bom relacionamento com a mãe – mesmo que esta resida com o filho – pode provocar desde pequenos quadros de *stress* até psicopatologias graves como depressão maior, transtorno de ansiedade generalizada, síndrome do pânico, e ideias suicidas (Idem, ibdem).

Como não há no Brasil instrumentos que avaliem diretamente o apego materno e considerando o profícuo campo teórico-prático das habilidades sociais como alternativa possível na investigação das relações intergeracionais entre pais e filhos, foram escolhidas e avaliadas as habilidades sociais, buscando analisar a qualidade da interação entre mãe e filho por meio das práticas parentais. Para isso, foi usado o Inventário de Práticas Parentais (IEP) de Gomide (2011) e para avaliação do repertório de habilidades sócias, o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) em sua versão reduzida, desenvolvida por Leme (2017).

Houve, evidentemente, algumas limitações ao longo do estudo que dificultaram a investigação de algumas variáveis, que impediram que alguns objetivos fossem alcançados ou mesmo que tiveram influência sobre o resultado do estudo. A primeira delas foi o uso do IHSA Reduzido, que, invariavelmente, limitou as análises sobre o repertório de habilidades sociais, já que neste há nele uma redução do número de subescalas, o que impede que outros aspectos sejam analisados. É provável que o uso da versão integral do instrumento trouxesse mais elementos sobre os desenvolvimento de HS nos participantes, evidenciando inclusive subescalas não contempladas na versão reduzida do instrumento.

Outra limitação é que os resultados finais do IHSA podem ter sido prejudicados devido ao baixo nível de compreensão dos adolescentes participantes, o que foi evidenciado pela repetição demasiada de perguntas sobre as mesmas dúvidas, mesmo após extenuante explicação geral e individual a cada adolescente, por parte da pesquisadora. Houve também nos participantes dificuldades de compreensão semântica, o que foi empecilho para que conseguissem distinguir com clareza como deveriam avaliar “frequência” e como deveriam

avaliar a “dificuldade” dos comportamentos. Alguns participantes precisaram, inclusive, refazer o teste, após perceber que haviam marcado as mesmas respostas para os dois fatores, por achar que se tratava de erro de impressão (e os dados haviam sido repetidos). É possível que aplicações individuais, em que o próprio avaliador pergunta os itens ao participante, poderiam atenuar os problemas mencionados. Por outro lado, em relação a aplicação do IEP, não houve dificuldade em responder aos itens e por meio deste instrumento, foi possível obter dados importantes sobre as práticas parentais maternas, que servem de base para projetos de intervenção e de estudos posteriores.

Era previsto que os adolescentes pudessem obter escores baixos em relação às práticas parentais maternas, mas obter nos resultados um percentual superior a 50% no estilo risco, foi um dado inesperado e alarmante. E essencialmente pelo teor de imprevisibilidade e de certo modo, ineditismo, merece atenção da comunidade acadêmica para discussões sobre o papel da figura materna no desenvolvimento humano que, ao que parece, permanece exercendo forte influência. Cabe também replicações deste estudo e inclusão de outras variáveis para análise, como saúde emocional, stress, competência acadêmica e relacionamento com pares.

Ao profissional de psicologia, tantas vezes estimulado a repensar parâmetros e teorias clássicas, é posta a sadia provocação de passar a considerar também em sua área de pesquisa e atuação, as teorias e hipóteses consolidadas ao longo do século e a não se esquivar diante de estudos ou resultados que apontam para conceitos que na era moderna podem ser tomados como princípios obsoletos, inadequados para a atual conjuntura social. Se apesar dos anos (e século) passados, os estudos apresentam dados bastante similares, significa dizer que alguns aspectos que envolvem família e desenvolvimento humano, permanecem invariáveis ao longo do tempo.

O aspecto central e mais relevante deste trabalho é de que a figura materna continua sendo imprescindível para o homem e seu desenvolvimento biopsicossocial, e que a isso talvez seja necessária uma atenção maior, já que as mulheres são diuturnamente desencorajadas a tornarem-se mães, ao passo que os filhos estão cada vez mais distantes de suas mães e cada vez mais familiarizados com a solidão, substituição da mãe ou terceirização até mesmo do afeto que deveriam receber de suas progenitoras.

Há de se considerar, evidentemente, os novos papéis que a mulher tem assumido na sociedade atual, que não estão limitados ao cuidado do lar e dos filhos: as longas jornadas de trabalho, as novas conjunturas familiares (mãe solteira, mulher provedora da renda principal da casa, mulher provedora da única renda da casa, etc), e que estes novos papéis não

necessariamente têm implicação negativa na relação mãe-e-filho. É preciso salientar que não é apenas o tempo com os filhos que garante um bom desenvolvimento do adolescente. É absolutamente possível haver práticas parentais de negligência, por exemplo, estando a mãe o dia inteiro em casa, assim como é possível não haver comportamentos negligentes para com seus filhos em mães que desempenham atividades diversas dentro e fora do lar. O que se deve levar em conta é a responsabilidade inerente a qualquer atividade ou escolha feita, que não é diferente no caso da maternidade. Uma vez que uma mulher se resolve por ser mãe, precisa estar ciente das implicações desta decisão e das obrigações que precisará desempenhar para atender às necessidades físicas, emocionais e sociais de seus filhos. Se isto não é levado em conta, é possível que a maternidade traga consequências negativas para si e para os filhos. Tais consequências podem trazer sequelas para o resto da vida. E é sobre isto que se debruça o presente trabalho.

Pesquisas futuras podem trazer estes dados com ainda maior riqueza de detalhes, fazendo uso da versão integral do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes. Sugere-se ainda, para estudos posteriores, a análise de correlação entre os índices de estilo parental com os de sintomas depressivos e ansiosos em adolescentes, e, num projeto mais audacioso, a adaptação brasileira de instrumentos internacionais que permitiriam avaliar, além do estilo parental predominate, o grau de apego entre crianças/adolescentes e suas mães, como é o caso do *Maternal Attachment Inventory (MAI)*. Cabe também replicações deste estudo e inclusão de outras variáveis para análise, como saúde emocional, stress, competência acadêmica e relacionamento com pares.

É pertinente ainda, em novos estudos, a aplicação do IEP tanto em mães quanto em pais para verificar as práticas parentais de cada um e se há paridade entre os estilos parentais. Além disso, pode ser avaliado também o repertório de habilidades sociais dos pais por meio do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e analisar uma possível transmissão ou *déficit* transgeracional de habilidades sociais.

Por fim, espera-se que este trabalho, além de servir de base para estudos posteriores, seja útil ainda para propostas de intervenção com adolescentes, bem como com mães e filhos, e também incite pesquisadores, acadêmicos e profissionais a pensarem em medidas de prevenção a problemas provenientes de práticas parentais, a fim de que não incorram no erro de acumular material teórico-científico e, no entanto, não fazerem dele instrumento para sua prática profissional. Às mães (ou mulheres aspirantes à maternidade) que por ventura tiverem acesso a este trabalho, espera-se que considerem pelos dados obtidos

e pelos tantos estudos citados, a amplitude de seu papel, sem desconsiderar, entretanto, a responsabilidade que ele implica.

## REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. D. S. The development of infant-mother interaction among the Ganda. **The determinants of infant behaviour II**, 1963.
- AINSWORTH, M. D. S. et al. **Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation**. Psychology Press, 2015.
- ALLEN, J.; LAND, D. Attachment in adolescence. In: CASSIDY, J.; SHAVER, P. **Handbook of attachment: theory, research and clinical applications**. London: The Guildford Press, p. 319-335, 1999.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado (DSM-IV-TR)**. Curitiba: Artmed, 2002.
- AMMANITI, M.; VAN-IJZENDOORN, M.; SPERANZA, A.; TAMBELLI, R. Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: An exploration of stability and change. **Attachment and Human Development**, v 2, n 3, pp. 328-346, 2000.
- ANDRADE, S. A. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de saúde pública**, v. 39, n. 4, p. 606-611, 2005.
- BARALDI, D. M.; SILVARES, E. F. M. (2003). Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado a orientação dos pais: análise empírica de uma proposta de atendimento. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, p. 235-258, 2003.
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative control on child behaviour. **Child Development**, v. 37, p. 887-907, 1966.
- \_\_\_\_\_. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. **Genetic psychology monographs**, v. 75, p. 43-88, 1967.
- BELSKY, Jay. Child maltreatment: An ecological integration. **American psychologist**, v. 35, n. 4, p. 320, 1980.
- BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Trilogia apego e perda: apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRAZELTON, B.; CRAMER, B. **A relação mais precoce: os pais, os bebês e a interação precoce**. Lisboa: Terramar, 1989.

\_\_\_\_\_. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRETHERTON, I.; MUNHOLLAND, K. Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In: CASSIDY, J.; SHAVER, P. (Orgs.). **Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications**. London: The Guildford Press, 1999.

BRETHERTON, I. The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. **Developmental psychology**, v. 28, n. 5, p. 759, 1992.

BANDURA, A.; WALTERS, R. **Adolescent aggression**. New York: The Ronald Press Company, 1959.

CABALLO, V. E. **teoria, evaluation y entrenamiento de las habilidades sociales**. Valencia: Promolibro, 1987.

CARVALHO, M. C. N. **Efeito das práticas educativas parentais sobre o comportamento infrator de adolescentes**. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e Adolescência. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 2, p. 45-54, 2003.

CIA, F.; OLIVEIRA, R. C.; DEL PRETTE, Z. A. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia**, v. 16, n. 35, 2006.

CIA, F. et al. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, 2008.

COLLINS, N.; READ, S. Cognitive representations of attachment: The structure and function of *working models*. In: PERLMAN, D.; BARTHOLOMEW, K. **Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood**. Vol. 5. London: Jessica Kingsley Publishers. pp. 53-90, 1994.

COOPER, C. R.; COOPER, R. G. Links between adolescents' relationships with their parents and peers: models, evidence, and mechanisms. In: PARK, R. D.; LADD, G. W. **Family-peer relationships: Modes of linkage**, p. 135-158, 1992.

CUTRONA, C. E. Ratings of social support by adolescents and adult informants: degree of correspondence and prediction of depressive's symptoms. **Journal of personality and social psychology**, v. 57, n. 4, p. 723, 1989.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: an integrative model. **Psychological bulletin**, v. 113, p. 487-496, 1993.

- DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. **Psico**, v. 31(1), p. 39-66, 2000.
- DELONGIS, A.; FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. The impact of daily stress on health and mood: psychological and social resources as mediators. **Journal of personality and social psychology**, v. 54, n. 3, p. 486, 1988.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 9, n. 2, p. 287-389, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2009a.
- \_\_\_\_\_. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual para aplicação, apuração e interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009b.
- \_\_\_\_\_. **Habilidades sociais e competência social: para uma vida melhor**. EdUFSCar: 2017a.
- \_\_\_\_\_. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. Vozes: 2017b.
- DODGE, K. A. Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. **Child development**, v. 65, n. 2, p. 649-665, 1994.
- ENGELS, R. et al. Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. **Journal of Counseling Psychology**, v. 48, n. 4, p. 428, 2001.
- FERNANDES, C. S.; FALCONE, E. M.; SARDINHA, A. Deficiências em habilidades sociais na depressão: estudo comparativo. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 1, 2012.
- FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.
- FERRIOLLI, S. H. T.; MARTURANO, E. M.; PUNTEL, L. P. Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa Saúde da Família. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 2, p. 251-259, 2007.
- FORTIN, M. **O processo de investigação: da concepção à realização**. Loures: Lusociência, 1999.

- GOMIDE, P. I. C.; SALVO, C. G.; PINHEIRO, D. P. N. & Mello, S. G. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico USF**, 10(2), 169-178, 2005.
- GOMIDE, P.I. C. **Inventário de Estilos Parentais – IEP**: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRÜNSPUN, H. **Conceitos sobre resiliência**. Disponível em <<<http://www.cfm.org.br/revista/bio10v1/seccao4.1.htm>>>, 2003. Acesso em 31 de jun de 2018.
- HUESMANN, L. R.; ERON, L. D. Stability of aggression over time and generations. **Developmental psychology**, v. 20, n. 6, 1984.
- HOFFMANN, M. L. Discipline and internalization [internalization of values: models, reviews and commentaries]. **Developmental psychology**, v. 30, p. 26-28, 1994.
- KASHANI, J. H.; ALLAN, W. D. **The impact of family violence on children and adolescents**. Thousand Oaks: Sage, 1998.
- KOBAK, R.; COLE, C. Attachment and metamonitoring: Implications for adolescent autonomy and psychopathology. In: CICHETTI, D. **Disorders and dysfunctions of the self**. New York: University of Rochester Press. pp. 267-297, 1994.
- KOLLER, S. H. Violência doméstica: uma visão ecológica. In: AMENCAR (Org.). **Violência doméstica**. Brasília: UNICEF, p. 32-42, 1999.
- KUMPFER, K. L.; ALVARADO, R. Family-strengthening approaches for the prevention of youth problem behaviors. **American Psychologist**, v. 58, n. 6-7, p. 457, 2003.
- LADD, G. W. et al. Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. **Child development**, v. 67, p. 1103-1118, 1996.
- LEBOVICI. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LEME, V. B. R. et al. Psychometric properties of the brief version of the social skills inventory for adolescents. **The spanish journal of psychology**, v. 20, 2017.
- MACCOBY, E. E; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. **Handbook of child psychology**, v. 4, p. 1-101, 1983.
- MAHLER, M. S. **O nascimento psicológico da criança**: simbiose e individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MARTINS, V. **Seja assertivo - Como ser directo, objectivo e fazer o que tem de ser feito**: como construir relacionamentos saudáveis usando a assertividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

- MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Vinculação e processos desenvolvimentais em jovens e adultos. **Cadernos de consulta psicológica**, v. 12, pp. 45-54, 1996.
- MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MONDARDO, A. H.; VALENTINA, D. D. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, 1998.
- MOTTA, M. G. C.; MANFRO, G. G.; LUCION, A. B.. Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS. vol. 27, n. 2 (2005), p. 165-176, 2005.
- MURTA, S. G. Programas de prevenção a problemas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes: lições de três décadas de pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2007.
- OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. et al. Competência, problemas internalizantes e problemas externalizantes em quatro grupos de adolescentes. **Psico-USF**, v. 18, n. 3, p. 427-436, 2013.
- PACHECO, J. T. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 15, n. 2, 1999.
- PASQUALI, L. **Delineamento de pesquisa em ciência**: fundamentos estatísticos da pesquisa científica. São Paulo: Vetor, 2015.
- PELCOVITZ, D., KAPLAN, S., ELLENBERG, A., LABRUNA, V., SALZINGER, S., MANDEL, F.; WEINER, M. Adolescent physical abuse: age at time of abuse and adolescent perception of family functioning. **Journal of Family Violence**, v. 15(4), p. 375-389, 2000.
- PETTIT, G. S.; LAIRD, R. D. et al. Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. **Child development**, v. 72, p.583-598, 2001.
- PINHEL, J. Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. **Análise Psicológica**, v. 27, n. 4, p. 509-521, 2009.
- RAE-GRANT, N. Risk, protective factors, and the prevalence of behavioral and emotional disorders in children and adolescents. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 28, n. 2, p. 262-268, 1989.
- REPPOLD, C. T. et al. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e

dos estilos parentais. In.: HUTZ, C. S. **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

RUTTER, M. **Maternal deprivation**. Baltimore: Penguin Books, 1972.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, 2005.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, 2005.

SCHERER, K. R.; WALLBOTT, H. G.; SUMMERFIELD, A. B. **Experiencing emotion: A cross-cultural study**. Cambridge University Press, 1986.

SCHOR, E. L. Adolescent alcohol use: social determinants and the case for early family-centered prevention. **Bulletin of the New York Academy of Medicine**, v. 73, n. 2, p. 335, 1996.

SIGOLO, S. R. R. L. Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. **Temas em educação especial: Avanços recentes**, p. 189-195, 2004.

WATERS, E.; CUMMINGS, E. M. A secure base from which to explore close relationships. **Child development**, v. 71, n. 1, p. 164-172, 2000.

WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; VIEZZER, A. P. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **PsicoUSF**, v. 8, n. 1, p. 71-79, 2003.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

UFMA - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO MARANHÃO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Análise do repertório de habilidades sociais em adolescentes privados de envolvimento materno

**Pesquisador:** Lucas Guimarães Cardoso de Sá

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 87749418.0.0000.5087

**Instituição Proponente:** Departamento de Psicologia - DEPSI UFMA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.683.062

**Apresentação do Projeto:**

Entende-se por Habilidades Sociais (HS), diferentes classes de comportamentos sociais que contribuem para a competência social, o que favorece o bom relacionamento interpessoal. É o seio familiar o primeiro ambiente do qual provem o aprendizado das habilidades sociais e quanto maior o envolvimento dos pais – sobretudo da mãe, tanto maior será o repertório de habilidades sociais de seus filhos. Cabe, portanto, avaliar os impactos da ausência ou do baixo envolvimento materno para o desenvolvimento de HS em crianças e adolescentes. O presente estudo pretende avaliar como o envolvimento materno influencia o desenvolvimento do repertório de habilidades sociais em adolescentes com faixa etária entre 12 e 17 anos. Paratanto, o trabalho será dividido em três grupos, com igual faixa etária, sendo o primeiro grupo formado por adolescentes assistidos por abrigo institucional ou casa-lar; o segundo por adolescentes não-institucionalizados com baixo envolvimento materno; e o terceiro, por adolescentes com médio ou alto envolvimento materno. Além disso, será avaliada a prevalência de problemas internalizantes e externalizantes nos três grupos e as diferença no repertório de habilidades sociais destes. Os instrumentos utilizados no estudo serão o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e a Escala de Qualidade do Envolvimento Parental (EQIP).

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética      **CEP:** 65.080-040  
**UF:** MA      **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708      **Fax:** (98)3272-8708      **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 2.653.062

Analisar o repertório de habilidades sociais em adolescentes privados de envolvimento materno.

**Objetivo Secundário:** O Caracterizar o repertório de habilidades sociais de: 1) adolescentes institucionalizados; 2) adolescentes com privação do envolvimento materno; e 3) adolescentes sem privação do envolvimento materno.o Verificar a prevalência de problemas internalizantes e externalizantes nos três grupos avaliados.o Investigar a relação entre a frequência de envolvimento materno e o repertório de habilidades sociais em adolescentes;o Avaliar as diferenças no repertório de habilidades sociais entre os três grupos mencionados acima.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:****Riscos:**

Durante a avaliação, o adolescente pode sentir algum desconforto, cansaço, desinteresse ou constrangimento devido a algum item do questionário.

**Benefícios:**

os dados obtidos poderão servir posteriormente para medidas de prevenção de problemas comportamentais e emocionais em jovens institucionalizados, além de fornecer à instituição de abrigo e às escolas, dados sobre o estado emocional em que se encontram os jovens por elas assistidos, favorecendo possíveis mudanças na estrutura e dinâmica destas instituições/colégios.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa esta elaborada com todos os elementos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos de apresentação obrigatórios foram entregues e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

**Recomendações:**

Não existem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não existem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento                 | Arquivo   | Postagem               | Autor | Situação |
|--------------------------------|---|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P<br>ROJETO_1097967.pdf | 09/04/2018<br>17:20:37 |       | Aceito   |

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040  
 UF: MA Município: SAO LUIS  
 Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 2.653.002

|   |                          |                        |                                  |        |
|---|--------------------------|------------------------|----------------------------------|--------|
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TA2.docx                 | 09/04/2018<br>17:20:15 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TA1.docx                 | 09/04/2018<br>17:20:00 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE2.docx               | 09/04/2018<br>17:19:43 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE1.docx               | 09/04/2018<br>17:19:29 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| Folha de Rosto  | Folhaderosto.pdf         | 22/03/2018<br>09:31:58 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | CCI17032018_00000.jpg    | 20/03/2018<br>18:09:44 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | autorizacao.pdf          | 20/03/2018<br>18:09:25 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO_TCC_talitha.pdf  | 20/03/2018<br>17:48:53 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO_TCC_talitha.docx | 20/03/2018<br>17:48:03 | Lucas Guimarães<br>Cardoso de Sá | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 29 de Maio de 2018

Assinado por:  
FRANCISCO NAVARRO  
(Coordenador)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
 Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética CEP: 65.080-040  
 UF: MA Município: SAO LUIS  
 Telefone: (98)3272-8708 Fax: (98)3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br

**APÊNDICE B****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Seu filho está sendo convidado a participar da pesquisa “relação entre práticas parentais maternas e habilidades sociais em adolescentes”, que pretende avaliar a influencia do envolvimento materno para a aquisição do repertório de habilidades sociais em adolescentes.

A participação de seu filho no estudo consistirá em responder a dois questionários chamados Inventário de Estilos Parentais (IEP) e Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), que nos dará algumas informações sobre ele, sua família e seu ambiente escolar. A qualquer momento, tanto o adolescente quanto os responsáveis podem desistir de participar do estudo e retirar seu consentimento, sem que isso traga qualquer prejuízo à instituição/adolescente em sua relação com o pesquisador.

Tudo foi planejado para minimizar possíveis riscos provenientes da participação no estudo, mas durante a avaliação, o adolescente pode sentir algum desconforto, cansaço, desinteresse ou constrangimento devido a algum item do questionário. Os procedimentos do trabalho, no entanto, não oferecem risco à integridade física ou emocional do participante. Por outro lado, a participação na pesquisa pode ser benéfica visto que os dados obtidos poderão servir posteriormente para medidas de prevenção de problemas comportamentais e emocionais em adolescentes.

Os pais e o menor de idade pelo qual são responsáveis não receberão remuneração pela participação. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação do menor. Suas respostas e os resultados são confidenciais e serão apresentados em conjunto sem qualquer identificação dos participantes, protegendo, portanto, a privacidade de suas respostas. Além disso, o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

**Eu,** \_\_\_\_\_

**declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade**

**pelo qual sou responsável. O pesquisador informa que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Maranhão.**

São Luís, ..... de ..... de 2018

---

Assinatura

---

Talitha Calvet Facundes  
Acadêmica do curso de Psicologia/UFMA  
(98) 98295-9044  
talithafacundes@hotmail.com

---

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá  
Departamento de Psicologia/ UFMA  
(98) 98166-3450  
lucas.gcsa@yahoo.com.br

## APÊNDICE C

**TERMO DE ASSENTIMENTO**

Olá! Você está sendo convidado a participar da pesquisa “relação entre práticas parentais maternas e habilidades sociais em adolescentes” que busca verificar a influência do envolvimento materno para o desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes. Para participar deste estudo, seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. A sua participação é voluntária e sem custos ou remuneração financeira. Caso não queira participar ou desista ao longo do estudo, não haverá problema, este é um direito seu.

Na pesquisa, você responderá a dois questionários chamados Inventário de Estilos Parentais (IEP) e Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), onde saberemos um pouco mais sobre você, sua família e seu ambiente escolar. Não se preocupe, seus dados pessoais não serão divulgados e não contaremos a ninguém que você participou do estudo. Quando formos divulgar os resultados da pesquisa, sua identidade será preservada e mantida em sigilo.

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, pode ser que ao responder o questionário, sinta algum desconforto, cansaço, desinteresse ou constrangimento devido a algum item do questionário. Por outro lado, a participação na pesquisa pode ser benéfica, pois os dados obtidos poderão servir futuramente para medidas de prevenção a problemas comportamentais e emocionais em adolescentes.

Caso tenha alguma dúvida, entre em contato com o pesquisador. O contato ficará disponível abaixo.

**Eu, \_\_\_\_\_ fui informado dos objetivos do presente estudo de maneira clara e objetiva. Entendi que há coisas boas e ruins que podem acontecer ao longo da pesquisa e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e tanto meu responsável quanto eu, podemos desistir de participar se assim desejarmos. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.**

São Luís, ..... de ..... de 2018

---

Assinatura

---

Talitha Calvet Facundes  
Acadêmica do curso de Psicologia/UFMA  
(98) 98295-9044  
talithafacundes@hotmail.com

---

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá  
Departamento de Psicologia/ UFMA  
(98) 98166-3450  
lucas.gcsa@yahoo.com.br